

A missa de Réquiem *

Prova decisiva era essa a que Artur Napoleão submetia o público da capital, convidando-o a assistir à execução da obra de Verdi, cuja segunda e última audição se anuncia para hoje.

Por fortuna, o êxito correspondeu às mais sanguíneas esperanças; e o salão do Cassino foi, na memorável noite de 1º de Fevereiro, o prazo dado à flor da sociedade fluminense, que a si mesma se honrou, consagrando com a sua presença a produção do inspirado artista e o desinteressado e puro esforço dos que contribuíram para no-la fazerem ouvir.

Se a prova falhasse, se aquele esforço tivesse de ser perdido, cumpria renunciar daí avante a toda a tentativa de arte séria e elevada, dar para sempre razão a Offenbach, aclamar Hervé e Lecoq, e deixar aos governos que se envergonham de atender a uma necessidade imperiosa de civilização, qual a de subvencionar teatros moralizadores, o recolherem o fruto da imensa obra de perversão que aí se vai consumando.

Quando em 1870 o grande historiador alemão Mommsen comparava a literatura francesa às águas lodosas do Sena, acrescentando que era urgente preservar dela o mundo tanto como de um veneno, Renan respondeu: “Pois quê! O austero sábio

* Este artigo, assinado por M. de Melo (certamente Manuel de Melo, filólogo português, residente no Rio de Janeiro, amigo a quem Machado de Assis dedicou o poema dramático “Uma ode de Anacreonte”, publicado em *Falenas*), vem em *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 3º, n. 39, p. 2-3, 8 fev. 1876. A edição que aqui apresentamos é de responsabilidade de José Américo Miranda e de Gracinéa I. Oliveira. Localizamos o artigo quando pesquisávamos, tentando localizar o poema em que aparece, o verso de Manuel de Araújo Porto-Alegre – “E derrama no ar canoro lume,” – citado tanto por Machado de Assis em “A nova geração” (publicado em nova edição neste número da *Machadiana Eletrônica*) como pelo autor deste artigo. Não alcançamos descobrir o poema em que aparece este verso, mas descobrimos outra coisa. M[anuel] de Melo menciona, nas proximidades do verso citado, um “artigo da *Revista dos Dous Mundos*, que Machado de Assis há poucos dias traduziu para esta folha”, e cita-lhe um trecho. Sendo esta “tradução de Machado de Assis” desconhecida, fomos no encalço dela, nos números anteriores do jornal *O Globo*. Encontramo-la: ela é tradução de apenas um trecho do artigo da revista francesa, assinado por F. de Lagenevais, e vem, como citação, dentro de um texto maior não assinado, intitulado “O Réquiem de Verdi” – artigo que vem na seção “Letras e Artes” de *O Globo* de 30 de janeiro de 1876. Se a tradução é de Machado de Assis, conforme afirma M[anuel] de Melo, quem haveria de ser o autor dessa matéria não assinada, senão ele próprio? Com base nessas informações, consideramos este artigo de crítica musical (o que contém o trecho traduzido da *Revue des Deux Mondes*), até prova em contrário, da autoria de Machado de Assis. Por isso, ele vai na seção “Textos Atribuídos a Machado de Assis”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

conhece então o nosso atoleimado teatrinho bufo? Esteja certo de que ainda há, por detrás disso, uma literatura e uma França.”

Pelo que respeita a teatro, o Rio de Janeiro não podia hoje responder outro tanto, porque não tem senão os teatros bufos a que o condenam, e nem confia sequer na possibilidade de ver aplicado, ou quando menos restituído, o produto de loterias há muito arrecadado para a construção de um novo edifício de ópera.

Falava eu do *Requiem*. Cumpriram os principais órgãos da opinião o dever em que estavam para com o maestro e os seus intérpretes. Nomeadamente, o *Jornal do Comércio* não se julgou obrigado a menos do que destinar um folhetim especial à análise da composição e do seu desempenho.

Nesse folhetim, a todos os respeitos dignos de interesse, e em cuja parte musical não é difícil adivinhar as indicações de um inteligente professor italiano de quem o último número do *Fígaro* inseriu uma carta sobre o mesmo assunto,¹ a missa de Verdi está qualificada “uma das mais belas, prodigiosas e admiráveis criações musicais que jamais brotaram do engenho humano”, concluindo por dizer que “nem o autor de tantas óperas justamente aplaudidas havia jamais mostrado tanta inspiração e ciência, arte tão profunda e variedade tamanha de novas formas.”

Eis porém que a revista da semana publicada em folhetim no *Jornal* de domingo me depara estas estranhas opiniões, atribuídas a um poeta suavíssimo, ao espirituoso e simpático jornalista Joaquim Serra – opiniões que, uma vez admitidas, anulariam não só o precedente laudo do *Jornal*, mas seriam a negação de quanto até hoje se tem dito do *Requiem*:

“Verdi não teve um só instante de enternecimento naquela imensa lamentação. No sinistro vale os mortos que se erguem à chamada divina erguem-se coléricos e desesperados:

O Deus que os vai julgar surge também cheio de cólera...

Não, não é esse o nosso Deus de mansidão, calmo e que para essa tremenda hora prometeu-nos misericórdia.

Esse Deus cheio de cólera, expressão de um folhetinista desta folha, é o Thor dos povos bárbaros, lançando o malho de ferro pelo espaço fora, é o Júpiter raivoso jogando os raios.

Verdi pede por Manzoni, fala pela boca deste e nem uma só vez aquele coração de poeta suaviza-se; não se lhe percebem as lágrimas; a inspiração de Verdi é sempre a tempestade que o arrebatava com os olhos desvairados e a coma solta e desgrenhada.

O leão estruge sempre, não compreende a piedade; um só instante o doce luar da fantasia de Bellini, não aclara-lhe o semblante, retalhado sempre como o da Pitonissa em fúria.

O Deus de Verdi é o Cristo da idade média: ascético, de faces cavas, cheias de sombras; uma imagem que impõe o silêncio, que faz a inteligência regelar-se de medo² e que portanto afasta e afugenta.”

¹ No número 6 de *O Fígaro*, de 1876, às páginas 43 e 46, há uma carta sobre o *Requiem*, assinada por Francisco Briani.

² No jornal: “modo”. Conferimos a palavra no Folhetim do *Jornal do Comércio*, de domingo, 26 de fevereiro de 1876. O Folhetim não era assinado, mas o folhetinista relata uma conversa que teve com Joaquim Serra sobre o *Requiem*, de Verdi; daí a expressão utilizada por M. de Melo para referir-se às opiniões citadas: “atribuídas a um poeta suavíssimo, ao espirituoso e simpático jornalista Joaquim Serra”.

Felizmente o crítico ou o seu carono³ inspirador esqueceu-se de que as letras de um ofício de defunto não são o arranjo de algumas frases anagógicas dispostas segundo *uma certa ideia*; que o texto de uma missa não é um poema de ópera vinte vezes alterado a sabor e capricho do maestro, como os libretos absurdos da *Africana* e dos *Huguenotes*⁴; que a música escrita sobre um texto litúrgico, texto consagrado, e canônico, não pode ser nunca a produção nebulosa destinada a afirmar a unidade da concepção musical e poética, como as trilogias e tetralogias de Wagner, o iluminado de Bayreuth.

Um artigo da *Revista dos Dous Mundos*, que Machado de Assis há poucos dias traduziu para esta folha, diz o seguinte:

“Não esperem cavatinas nem frases concertantes como na missa de Rossini; não esperem também esses largos planos à Haendel; Verdi segue o texto, tradu-lo palavra por palavra, sílaba por sílaba... Os mortos ditam-lhe a prosa, e o mestre escreve a música sob a inspiração deles...”

Por isso, nos últimos versetos do *Ingemisco* há talvez mais verdade do que na tela do *Cristo remunerador* de Ary Scheffer, a ideal composição que o buril de Blanchard vulgarizou, e em cujos ângulos se leem as palavras textuais de S. Mateus: *Et statuet oves quidem a dextris suis, haedos autem a sinistris*.⁵

Verdi não teve um só instante de enternecimento!

Como! Esse esperado instante é na verdade possível não o surpreender no admirável trecho do *Agnus Dei*. Compreende-se que um auditório pouco atento o não descubra até no introito do *Requiem*, na frase singela, cheia de melancolia e de unção, daquela prece pelos seres queridos que a fé cristã nos representa como resilindo da morte à eterna claridade.

O crítico, porém, vai mais longe, e afirma: “Nem uma só vez aquele coração de poeta suavisa-se: não se lhe percebem as lágrimas.” O que é simplesmente dar como não escrito e não existente o *Lacrymosa*, quarteto e coro em que a voz do meio-soprano faz ouvir “uma espécie de soluços e de pranto” escreveu o *Jornal*, “uma das melhores peças de música imitativa que temos ouvido”, dissera antes o cronista musical da *Gazeta de Notícias*. Neste ponto apelo de Joaquim Serra para Joaquim Serra, que no Cassino comparou o *Lacrymosa* com o dueto da *Norma*, e prefiro supor que o seu voto padeceu algum desvio de sentido, constricto nas áureas faixas do estilo do folhetinista. Estas palavras da *Revista dos Dous Mundos* são eloquentes: “Para provar que está comovido, Verdi chora; lastimo aqueles a quem semelhante comoção não impressiona.”

³ Assim, no jornal: “carono”.

⁴ *Os huguenotes* e *A africana* são óperas de Meyerbeer.

⁵ Mt 25:33. “...e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda.” No jornal: “*Et stat et oves quidem a dextris suis, haedos autem a sinistris*.”

No *Requiem* de Verdi o Deus que vai julgar os mortos surge cheio de cólera; quem o duvida? Não é o Deus de mansidão; é sim, conforme muito bem afirma o crítico, o Deus da idade média, o Deus da igreja, ou, se prefere, o Deus da *Pavorosa ilusão*

No sobrolho o pavor, nas mãos a morte,
Envolto em nuvens, em trovões, em raios.⁶

O compositor tinha diante de si as palavras positivas do texto: “R i d⁷ tremenda majestade, justo juiz vingador, livra-me⁸ de ir arder nas eternas chamas entre os condenados e malditos naquele dia de ira em que vierdes a julgar o mundo pelo fogo.”

E é para as cenas deste drama terrífico do juízo final que o folhetinista pedia os doces luars da fantasia de Bellini? O mesmo valera que remontar o século XV e preferir ao *Requiem* de Verdi a missa do *Amour me bat* de Després.

Afora as diversas partes comuns às outras missas, tais como o *kyrie*, o *sanctus* e o *Agnus Dei*, o *requiem*, diz Felix Clément, tratando deste gênero de composição, tem, propriamente seus, dous trechos característicos, a antiga prosa do século XII *Libera me, Domine*, e o *Dies irae*, “que são os pontos culminantes do ofício fúnebre e nos quais os compositores modernos buscam à porfia rivalizar com o lúgubre cantochão da idade média.”

A poesia, inspirando-se do texto do *dies irae*, nunca entendeu diversamente os terrores do dia do julgamento.⁹ Veja-se Leconte de Lisle, o último tradutor de Ésquilo. A composição que fecha o volume das suas *poesias bárbaras*, e a que serviram de tema as palavras *Solvat seclum*, assim começa:

Tu te tairas, ô voix sinistre des vivants¹⁰

Blasphèmes furieux qui roulez par les vents,
Cris d’épouvante, cris de haine, cris de rage,
Effroyables clameurs, de l’éternel naufrage,
Tourments, crimes, remords, sanglots désespérés,
Esprit et chair de l’homme, un jour vous vous tairez!¹¹

Tive já ocasião de o dizer: o texto do *Requiem* e a elegante tradução do Sr. Dr. Castro Lopes acham-se transcritos no programa que se distribui no salão do concerto. Siga-se o texto durante a execução do *Requiem*, e as mais delicadas intenções do compositor se revelarão.

⁶ Versos de Bocage, da “Epístola a Marília”. (BOCAGE, M. M. Barbosa du. *Poesias eróticas, burlescas e satíricas*. São Paulo: Escriba, 1969. p. 35-40.)

⁷ Assim, no jornal: “R i d”.

⁸ No jornal algumas letras estão apagadas: “liv a m”. A letra “a”, mal impressa, é de leitura duvidosa.

⁹ Falta este ponto no jornal.

¹⁰ Suprimimos o ponto que, no jornal, vem ao final deste verso, com base na obra citada na nota 9.

¹¹ LISLE, Leconte de. *Solvat seclum*. In: *Poésies barbares*. Paris: Poulet-Malassis 1862. p. 302-303.

Cito uma só passagem, estas letras do *Offertorio*: “Livra das penas do inferno e do profundo lago as almas de todos os fiéis defuntos; livra-as da boca do leão; que não as devore o Tártaro nem caiam nas trevas: mas que o arcanjo S. Miguel as apresente na santa luz que outrora prometeste a Abraão e à sua descendência.”

Nada pode exceder a arte suprema com que está escrito o tema sinfônico das palavras *Sed signifer sanctus Michael*. A oposição da luz às trevas é completa, quase direi tangível. O ouvido recebe a impressão que receberia o olhar, passando de algumas cenas do Apocalipse ou dos Profetas à página luminosa e diáfana da Transfiguração na Bíblia de Doré. Como que se assiste à aparição do fulgurante arcanjo. Como que nos sentimos alumiados por aquele severo esplendor que o reveste, o circunda

E derrama no ar canoro lume,

segundo a bela expressão do cantor de Colombo.¹²

Ponho ponto final nestas reflexões com que me pareceu dever protestar contra a apreciação sentimentalista do *Jornal*, mais sedutora e capaz de induzir em erro, por isso que envolvida nas roupagens de um estilo imaginoso e brilhante.

M. DE MELO

¹² Já poucas pessoas conhecem hoje o “cantor de Colombo”; trata-se do poeta Manuel de Araújo Porto-Alegre.